

Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo¹

GLORIA ANZALDÚA²

21 de maio de 1980

Queridas mulheres de cor, companheiras no escrever

Sento-me aqui, nua ao sol, máquina de escrever sobre as pernas, procurando imaginá-las. Mulher negra, junto a uma escrivãzinha no quinto andar de algum prédio em Nova Iorque. Sentada em uma varanda, no sul do Texas, uma chicana abana os mosquitos e o ar quente, tentando reacender as chamas latentes da escrita. Mulher índia, caminhando para a escola ou trabalho, lamentando a falta de tempo para tecer a escrita em sua vida. Asiático-americana, lésbica, mãe solteira, arrastada em todas as direções por crianças, amante ou ex-marido, e a escrita.

1. Publicado originalmente em ANZALDÚA, 1981. Reproduzido aqui com a permissão da autora.

2. Filha de camponeses do sul do Texas, que tiveram suas famílias separadas por uma fronteira imposta, Anzaldúa fazia da leitura o descanso de suas jornadas de trabalho nas plantações. Ativista desde jovem, nos anos 1950 participou dos protestos de camponeses do sul do Texas. No fim dos anos 1960 e início dos anos 1970, teve contato com a literatura feminista, mas é nos anos 1970 que inicia sua produção literária, quando escreve peças de teatro, poemas, contos, romances e autobiografias. No começo dos anos 1980 defende a posição de que as mulheres de cor deveriam buscar meios para expressar suas idéias, transformando-se em criadoras de suas teorias e não mais em meros objetos de estudo. Publicamos este ensaio, inédito em português, em homenagem aos vinte anos da antologia *This bridge called my back* (MORAGA & ANZALDÚA, 1981) que foi uma das referências obrigatórias nos debates sobre diferença dentro do feminismo norte-americano dos anos 1980 (NT).

Não é fácil escrever esta carta. Começou como um poema, um longo poema. Tentei transformá-la em um ensaio, mas o resultado ficou áspero, frio. Ainda não desaprendi as tolices esotéricas e pseudo-intelectualizadas que a lavagem cerebral da escola forçou em minha escrita.

Como começar novamente? Como alcançar a intimidade e imediatez que quero? De que forma? Uma carta, claro.

Minhas queridas *hermanas*, os perigos que enfrentamos como mulheres de cor não são os mesmos das mulheres brancas, embora tenhamos muito em comum. Não temos muito a perder — nunca tivemos nenhum privilégio. Gostaria de chamar os perigos de “obstáculos”, mas isto seria uma mentira. Não podemos *transcender* os perigos, não podemos ultrapassá-los. Nós devemos atravessá-los e não esperar a repetição da performance.

É improvável que tenhamos amigos nos postos da alta literatura. A mulher de cor iniciante é invisível no mundo dominante dos homens brancos e no mundo feminista das mulheres brancas, apesar de que, neste último, isto esteja gradualmente mudando. *A lésbica* de cor não é somente invisível, ela não existe. Nosso discurso também não é ouvido. Nós falamos em línguas, como os proscritos e os loucos.

Porque os olhos brancos não querem nos conhecer, eles não se preocupam em aprender nossa língua, a língua que nos reflete, a nossa cultura, o nosso espírito. As escolas que freqüentamos, ou não freqüentamos, não nos ensinaram a escrever, nem nos deram a certeza de que estávamos corretas em usar nossa linguagem marcada pela classe e pela etnia. Eu, por exemplo, me tornei conhecedora e especialista em inglês,

para irritar, para desafiar os professores arrogantes e racistas que pensavam que todas as crianças chicanas eram estúpidas e sujas. E o espanhol não era ensinado na escola elementar. E o espanhol não foi exigido na escola secundária. E mesmo que agora escreva poemas em espanhol, como em inglês, me sinto roubada de minha língua nativa.

*Não tenho imaginação você diz
Não. Não tenho língua.
A língua para clarear
minha resistência ao literato.
Palavras são uma guerra para mim.
Ameaçam minha família.
Para conquistar a palavra
para descrever a perda
arrisco perder tudo.
Posso criar um monstro
as palavras se alongam e tomam
corpo
inchando e vibrando em cores
pairando sobre minha mãe,
caracterizada.
Sua voz na distância
ininteligível iletrada.
Estas são as palavras do monstro.*

Cherríe Moraga³

Quem nos deu permissão para praticar o ato de escrever? Por que escrever parece tão artificial para mim? Eu faço qualquer coisa para adiar este ato — esvazio o lixo, atendo o telefone. Uma voz é recorrente em mim: *Quem sou eu, uma pobre chicanita do fim do mundo, para pensar que poderia escrever?* Como foi que me atrevi a tornar-me escritora enquanto me agachava nas plantações de tomate, curvando-me sob o sol escaldante, entorpecida numa letargia animal pelo calor, mãos inchadas e

3. MORAGA, 1983. "I lack imagination you say/ No. I lack language/ The language to clarify/ my resistance to the literate./ Words are a war to me./ They threaten my family./ To gain the word/ to describe the loss/ I risk losing everything./ I may create a monster/ the word's length and body/ swelling up colorful and thrilling/ looming over my mother, characterized./ Her voice in the distance/ unintelligible illiterate./ These are the monster's words".

calejadas, inadequadas para segurar a pena?

Como é difícil para nós *pensar* que podemos escolher tornar-nos escritoras, muito mais *sentir* e *acreditar* que podemos! O que temos para contribuir, para dar? Nossas próprias expectativas nos condicionam. Não nos dizem a nossa classe, a nossa cultura e também o homem branco, que escrever não é para mulheres como nós?

O homem branco diz: *Talvez se rasparem o moreno de suas faces. Talvez se branquearem seus ossos. Parem de falar em línguas, parem de escrever com a mão esquerda. Não cultivem suas peles coloridas, nem suas línguas de fogo se quiserem prosperar em um mundo destro.*

"O homem, como os outros animais, tem medo e é repellido pelo que ele não entende, e uma simples diferença é capaz de conotar algo maligno."⁴

Penso, sim, talvez se formos à universidade. Talvez se nos tornarmos mulheres-homens ou tão classe média quanto pudermos. Talvez se deixarmos de amar as mulheres sejamos dignas de ter alguma coisa para dizer que valha a pena. Nos convencem que devemos cultivar a arte pela arte. Reverenciarmos o touro sagrado, a forma. Colocarmos molduras e metamolduras ao redor dos escritos. Nos mantermos distantes para ganhar o cobiçado título de "escritora literária" ou "escritora profissional". Acima de tudo, não sermos simples, diretas ou rápidas.

Por que eles nos combatem? Por que pensam que somos monstros perigosos? Por que somos monstros perigosos? Porque desequilibramos e muitas vezes rompemos as confortáveis imagens estereotipadas que os brancos têm de nós: A negra doméstica, a pesada ama de leite com uma dúzia de crianças sugando seus seios, a chinesa de olhos puxados e mão hábil — "Elas sabem como tratar um homem na cama" —, a chicana ou a índia

4. WALKER, 1979, p. 169.

de cara achatada, passivamente deitada de costas, sendo comida pelo homem a *La Chingada*.

A mulher do terceiro mundo se revolta: *Nós anulamos, nós apagamos suas impressões de homem branco. Quando você vier bater em nossas portas e carimbar nossas faces com ESTÚPIDA, HISTÉRICA, PUTA PASSIVA, PERVERTIDA, quando você chegar com seus ferretes e marcar PROPRIEDADE PRIVADA em nossas nádegas, nós vomitaremos de volta na sua boca a culpa, a auto-recusa e o ódio racial que você nos fez engolir à força. Não seremos mais suporte para seus medos projetados. Estamos cansadas do papel de cordeiros sacrificiais e bodes expiatórios.*

Eu posso escrever isto e mesmo assim perceber que muitas de nós — mulheres de cor, que dependuramos diplomas, credenciais e livros publicados ao redor dos nossos pescoços, como pérolas às quais nos agarramos desesperadamente — arriscamos estar contribuindo para a invisibilidade de nossas irmãs escritoras. “*La Vendida*”, a vendida.

O perigo de vender nossa própria ideologia. Para a mulher do terceiro mundo que, na melhor das hipóteses, tem um pé no mundo literário feminista, é grande a tentação de acolher novas sensibilidades e modismos teóricos, as últimas meias verdades do pensamento político, os semidigeridos axiomas psicológicos da *new age*, que são pregados pelas instituições feministas brancas. Seus seguidores são notórios por “adotar” as mulheres de cor como sua “causa” enquanto esperam que nos adaptemos a suas expectativas e a sua língua.

Como nos atrevemos a sair de nossas peles? Como nos atrevemos a revelar a carne humana escondida e sangrar vermelho como os brancos? É preciso uma enorme energia e coragem para não aquiescer, para não se render a uma definição de feminismo que ainda torna a maioria de nós invisíveis. Mesmo enquanto escrevo isto, me sinto perturbada porque sou a única escritora mulher do terceiro

mundo neste livro. Muitas e muitas vezes me percebo sendo a única mulher do terceiro mundo participando de encontros literários, *workshops* e seminários.

Não podemos deixar que nos rotulem. Devemos priorizar nossa própria escrita e a das mulheres do terceiro mundo. Não podemos educar as mulheres brancas e carregá-las pela mão. A maioria de nós deseja ajudar, mas não podemos fazer para a mulher branca o seu dever de casa. Isto é um desperdício de energia. Em muitas ocasiões — mais do que gostaria de lembrar — Nellie Wong, escritora feminista asiático-americana, foi chamada pelas mulheres brancas para fornecer uma lista de asiático-americanas que pudessem dar conferências e *workshops*. Estamos em perigo de nos reduzir a fornecedoras de listas de recursos.

Confrontar nossas próprias limitações. Há um limite para o que posso fazer em um dia. Luisah Teish, dirigindo-se a um grupo no qual feministas brancas predominavam, disse a respeito da experiência das mulheres do terceiro mundo o seguinte:

“Se você não se encontra no labirinto em que (nós) estamos, é muito difícil lhe explicar as horas do dia que não possuímos. Estas horas que não possuímos são as horas que se traduzem em estratégias de sobrevivência e dinheiro. E quando uma dessas horas é tirada, isto significa não uma hora em que não iremos deitar e olhar para o teto, nem uma hora em que não conversaremos com um amigo. Para mim isto significa um pedaço de pão.”

Entenda.

Minha família é pobre.

Pobre. Eu não posso comprar

uma fita nova. As marcas

desta são suficientes

para me manter movendo

dentro dela, responsável.

A repetição como as histórias de

minha mãe

recontadas, cada vez

revela mais particulares

ganha mais familiaridade.
Você não pode me levar em seu
carro tão velozmente.

Cherríe Moraga⁵

"A complacência é uma atitude
bem mais perigosa que o ultraje."

Naomi Littlebear⁶

Por que sou levada a escrever?
Porque a escrita me salva da
complacência que me amedronta. Porque
não tenho escolha. Porque devo manter
vivo o espírito de minha revolta e a mim
mesma também. Porque o mundo que crio
na escrita compensa o que o mundo real
não me dá. No escrever coloco ordem no
mundo, coloco nele uma alça para poder
segurá-lo. Escrevo porque a vida não
aplaca meus apetites e minha fome.
Escrevo para registrar o que os outros
apagam quando falo, para reescrever as
histórias mal escritas sobre mim, sobre você.
Para me tornar mais íntima comigo mesma
e consigo. Para me descobrir, preservar-me,
construir-me, alcançar autonomia. Para
desfazer os mitos de que sou uma profetisa
louca ou uma pobre alma sofredora. Para
me convencer de que tenho valor e que o
que tenho para dizer não é um monte de
merda. Para mostrar que eu *posso* e que
eu *escreverei*, sem me importar com as
advertências contrárias. Escreverei sobre o
não dito, sem me importar com o suspiro
de ultraje do censor e da audiência.
Finalmente, escrevo porque tenho medo
de escrever, mas tenho um medo maior
de não escrever.

Por que deveria tentar justificar por
que escrevo? Preciso justificar o ser chicana,
ser mulher? Você poderia também me

pedir para tentar justificar por que estou
viva?

O ato de escrever é um ato de criar
alma, é alquimia. É a busca de um eu, do
centro do eu, o qual nós mulheres de cor
somos levadas a pensar como "outro" — o
escuro, o feminino. Não começamos a
escrever para reconciliar este outro dentro
de nós? Nós sabíamos que éramos
diferentes, separadas, exiladas do que é
considerado "normal", o branco-correto. E
à medida que internalizamos este exílio,
percebemos a estrangeira dentro de nós
e, muito freqüentemente, como resultado,
nos separamos de nós mesmas e entre
nós. Desde então estamos buscando
aquele eu, aquele "outro" e umas as outras.
E em espirais que se alargam, nunca
retornamos para os mesmos lugares de
infância onde o exílio aconteceu, primeiro
nas nossas famílias, com nossas mães, com
nossos pais. A escrita é uma ferramenta
para penetrar naquele mistério, mas
também nos protege, nos dá um
distanciamento, nos ajuda a sobreviver. E
aquelas que não sobrevivem? Os restos de
nós mesmas: tanta carne jogada aos pés
da loucura ou da fé ou do Estado.

24 de maio de 1980

Está escuro e úmido e chove o dia
todo. Eu amo dias como este. Enquanto
estou deitada na cama sou capaz de
aprofundar-me no meu íntimo. Talvez hoje
escreverei deste âmago profundo.
Enquanto tateio as palavras e uma voz
para falar do escrever, olho para minha
mão escura, segurando a caneta, e penso
em você a milhas de distância segurando
sua caneta. Você não está sozinha.

Caneta, sinto-me como em casa em
sua tinta, dando uma pirueta, misturando
as feias, deixando minha assinatura nos
vidros da janela. Caneta, como pude
alguma vez ter medo de você? Você não
tem casa, mas é sua impetuosidade que
me deixa apaixonada. Tenho que me livrar
de você quando começar a ser previsível,
quando parar de perseguir diabinhos.
Quanto mais você me supera, mais eu a

5. MORAGA, 1983. "Understand./ My family is poor./ Poor.
I can't afford/ a new ribbon. The risk/ of this one is enough/
to keep me moving/ through it, accountable./ The repetition
like my mother's/ stories retold, each time/ reveals more
particulars/ gains more familiarity./ You can't get me in
your car so fast".

6. LITTLEBEAR, 1977, p. 36.

amo. É quando estou cansada, ou quando tomei muita cafeína ou vinho que você ultrapassa minhas defesas e digo mais do que pretendia. Você me surpreende, me choca quando revela alguma parte de mim que mantive em segredo de mim mesma.

Registro de diário.

As vozes de Maria e Cherríe chegam da cozinha e caem nestas páginas. Eu posso ver a Cherríe andando em seu quimono, lavando os pratos de pés descalços, batendo a toalha de mesa, passando o aspirador. Enquanto sinto um certo prazer em observá-la fazendo estas simples tarefas, fico pensando, *eles mentiram, não existe separação entre vida e escrita.*

O perigo ao escrever é não fundir nossa experiência pessoal e visão do mundo com a realidade, com nossa vida interior, nossa história, nossa economia e nossa visão. O que nos valida como seres humanos, nos valida como escritoras. O que importa são as relações significativas, seja com nós mesmas ou com os outros. Devemos usar o que achamos importante para chegarmos à escrita. *Nenhum assunto é muito trivial.* O perigo é ser muito universal e humanitária e invocar o eterno ao custo de sacrificar o particular, o feminino e o momento histórico específico.

O problema é focalizar, é se concentrar. O corpo se distrai, faz sabotagem com centenas de subterfúgios, uma xícara de café, lápis para apontar. O recurso é ancorar o corpo em um cigarro ou algum outro ritual. E quem tem tempo ou energia para escrever, depois de cuidar do marido ou amante, crianças, e muitas vezes do trabalho fora de casa? Os problemas parecem insuperáveis, e são, mas deixam de ser quando decidimos que, mesmo casadas ou com filhos ou trabalhando fora, iremos achar um tempo para escrever.

Esqueça o quarto só para si — escreva na cozinha, tranque-se no banheiro. Escreva no ônibus ou na fila da previdência social, no trabalho ou durante

as refeições, entre o dormir e o acordar. Eu escrevo sentada no vaso. Não se demore na máquina de escrever, exceto se você for saudável ou tiver um patrocinador — você pode mesmo nem possuir uma máquina de escrever. Enquanto lava o chão, ou as roupas, escute as palavras ecoando em seu corpo. Quando estiver deprimida, brava, machucada, quando for possuída por paixão e amor. Quando não tiver outra saída senão escrever.

Distrações todas — alguma coisa me acontece quando estou concentrada no escrever, quando estou quase chegando lá — aquele sótão escuro onde alguma “coisa” está propensa a pular e precipitar-se sobre mim. As formas com que subverto o escrever são muitas. A maneira como não tiro água da fonte e nem aprendo a fazer o moinho de vento girar.

Comer é minha principal distração. Levantar para comer uma torta de maçã. Mesmo o fato de não comer açúcar por três anos não me dissuade, mesmo que tenha que vestir o casaco, encontrar as chaves, e sair na neblina de São Francisco para comprá-la. Levantar para acender um incenso, colocar um disco, dar uma caminhada — qualquer coisa para adiar o escrever.

Voltar depois de empanturrar-me. Escrever parágrafos em pedaços de papel, formando um quebra cabeças no chão, a confusão de minha escrivadinha, protelando a conclusão e tornando a perfeição impossível.

26 de maio de 1980

Queridas mulheres de cor, me sinto pesada e cansada e há um barulho em minha cabeça — muitas cervejas ontem à noite. Mas preciso acabar esta carta. Meu suborno: me levar para comer pizza.

Então corto e colo e cubro o chão com meus pedaços de papel. Minha vida espalhada em pedaços pelo chão, e eu, contra o tempo, tentando colocar nisto alguma ordem, preparando-me mentalmente com café descafeinado,

tentando preencher os vazios.

Leslie, com quem compartilho a casa, chega, se ajoelha para ler os fragmentos no chão, e diz, "Está bom, Gloria.". E penso: *Não preciso voltar ao Texas, para os meus conferrâneos, mesquitas, cactos, cascavéis, cucos. Minha família, esta comunidade de escritoras. Como pude viver e sobreviver tanto tempo sem isso? E me lembro do isolamento, revivo a dor novamente.*

"Estimar a devastação é um ato perigoso", escreve Cherríe Moraga⁷. Interromper é ainda mais perigoso.

É muito fácil culpar todos os homens brancos e as feministas brancas ou a sociedade ou nossos pais. O que dizemos e o que fazemos volta sempre a nós, então vamos assumir nossa responsabilidade, colocá-la em nossas mãos e carregá-la com dignidade e força. Ninguém irá fazer meu trabalho de merda, eu mesma limpo o que sujo.

Faz total sentido para mim minha resistência ao ato de escrever, ao compromisso da escrita. Escrever é confrontar nossos próprios demônios, olhá-los de frente e viver para falar sobre eles. O medo age como um ímã, ele atrai os demônios para fora dos armários e para dentro da tinta de nossas canetas.

O tigre que carregamos nas costas (a escrita) nunca nos deixa só. *Por que você não está montando em mim, escrevendo, escrevendo?* Ele pergunta constantemente, até sentirmos que somos vampiros sugando o sangue de uma nova experiência; que estamos sugando o sangue vital para alimentar a caneta. Escrever é o ato mais atrevido que eu já usei e o mais perigoso. Nelie Wong chama a escrita de "demônio de três olhos gritando a verdade."⁸

Escrever é perigoso porque temos medo do que a escrita revela: os medos, as raivas, a força de uma mulher sob uma opressão tripla ou quádrupla. Porém neste

ato reside nossa sobrevivência, porque uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder é temida.

"O que significou uma mulher negra ser artista no tempo de nossas avós? Esta é uma pergunta cuja resposta pode ser suficientemente cruel para parar o sangue". Alice Walker.⁹

Nunca vi tanto poder para motivar e transformar os outros como aquele presente na escrita das mulheres de cor.

Em São Francisco, que é onde vivo agora, ninguém mexe mais com o público, com sua arte e verdade, do que Cherríe Moraga (chicana), Genny Lim (asiático-americana) e Luisah Teish (negra). Na companhia de mulheres como estas, a solidão do escrever e a sensação de falta de poder dissipam-se. Podemos caminhar juntas falando do que escrevemos, lendo uma para outra. Quando estou sozinha, mesmo junto às outras, a escrita me possui cada vez mais e me faz saltar para um lugar sem tempo e espaço, não-lugar, onde esqueço de mim e sinto ser o universo. *Isto é o poder.*

Não é no papel que você cria, mas no seu interior, nas vísceras e nos tecidos vivos — chamo isto de *escrita orgânica*. Um poema funciona para mim *não* quando diz o que eu quero que diga, nem quando evoca o que eu quero que evoque. Ele funciona quando o assunto com o qual iniciei se metamorfoseia alquimicamente em outro, outro que foi descoberto pelo poema. Ele funciona quando me surpreende, quando me diz algo que reprimi ou fingi não saber. O significado e o valor da minha escrita é medido pela maneira como me coloco no texto e pelo nível de nudez revelada.

Audre disse que precisamos falar. Falar alto, dizer coisas sem ordem—coisas que podem ser perigosas—e mandar que se fodam, pro inferno,

7. Ensaio de Cherríe Moraga, ver "La Güerra".

8. WONG, 1979.

9. WALKER, 1974, p. 60.

deixar sair e fazer todo mundo ouvir
quer queiram ou não.

Kathy Kendall¹⁰

Eu digo, mulher mágica, se esvazie.
Choque você mesma com novas formas
de perceber o mundo, choque seus leitores
da mesma maneira. Acabe com os ruídos
dentro da cabeça deles.

Sua pele deve ser sensível suficiente
para o beijo mais suave e dura o bastante
para protegê-la do desdém. Se for cuspir
na cara do mundo, tenha certeza de estar
de costas para o vento. Escreva sobre o
que mais nos liga à vida, a sensação do
corpo, a imagem vista, a expansão da
psique em tranqüilidade: momentos de
alta intensidade, seus movimentos, sons,
pensamentos. *Mesmo se estivermos
famintas, não somos pobres de
experiências.*

Penso que muitas de nós
fomos enganadas pelos meios de
comunicação de massa, pelo
condicionamento da sociedade,
levadas a acreditar que nossas vidas
devem ser vividas em grandes
explosões, em "apaixonar-se", em
"perder o controle", ou que os gênios
da mágica irão realizar nossos
desejos e ambições, todos os nossos
desejo infantis. Desejos, sonhos e
fantasias são partes importantes de
nossas vidas criativas. São os degraus
que uma escritora assimila no seu
ofício. São os espectros das fontes
para alcançar a verdade, o coração
das coisas, a imediatez e o impacto
do conflito humano.

Nellie Wong¹¹

Muitos têm habilidade com as
palavras. Denominam-se visionários, mas
não vêem. Muitos têm o dom da língua,
mas nada para dizer. Não os escutem.

10. Carta de Kathy Kendall, 10 de Março 1980, sobre um
workshop para escritoras ministrado por Audre Lorde,
Adrienne Rich, e Meridel LeSeur.

11. WONG, 1979.

Muitos que têm palavras e língua, não têm
ouvidos. Não podem ouvir e não saberão.

Não há necessidade de que as
palavras infestem nossas mentes. Elas
germinam na boca aberta de uma
criança descalça no meio das massas
inquieta. Elas murcham nas torres de
marfim e nas salas de aula.

Joguem fora a abstração e o
aprendizado acadêmico, as regras, o
mapa e o compasso. Sintam seu caminho
sem anteparos. Para alcançar mais
pessoas, deve-se evocar as realidades
pessoais e sociais — não através da
retórica, mas com sangue, pus e suor.

*Escrevam com seus olhos como
pintoras, com seus ouvidos como músicas,
com seus pés como dançarinas. Vocês são
as profetisas com penas e tochas. Escrevam
com suas línguas de fogo. Não deixem que
a caneta lhes afugente de vocês mesmas.
Não deixem a tinta coagular em suas
canetas. Não deixem o censor apagar as
centelhas, nem mordanças abafar suas
vozes. Ponham suas tripas no papel.*

Não estamos reconciliadas com o
opressor que afia seu grito em nosso pesar.
Não estamos reconciliadas.

Encontrem a musa dentro de vocês.
Desenterrem a voz que está soterrada em
vocês. Não a falsifiquem, não tentem
vendê-la por alguns aplausos ou para
terem seus nomes impressos.

Com amor,
Gloria

Referências bibliográficas

- ANZALDÚA, Gloria (1981). "Speaking in tongues:
a letter to Third World women writers". In:
MORAGA, Cherríe & ANZALDÚA, Gloria
(orgs.). *This bridge called my back: writings
by radical women of color*. New York:
Kitchen Table, p. 165-74.
- LITTLEBEAR, Naomi (1977). *The Dark of the Moon*.
Portland: Olive Press.
- MORAGA, Cherríe (1983). "It's the Poverty". In:
*Loving in the War Years: Lo que nunca pasó
por tus lábios*. Boston: South End Press.
- WALKER, Alice (1974). "In Search of Our Mothers'
Gardens: The Creativity of Black Women in
the South". *MS* (May).

- ____ (ed.) (1979). "What White Publishers Won't Print". In: *I Love Myself When I am Laughing: A Zora Neale Hurston Reader*. New York: The Feminist Press.
- WONG, Nelie (1979). "Flows from the dark of Monsters and Demons: Notes on Writing". *Radical Woman Pamphlet*. San Francisco.

TRADUÇÃO

Édna de Marco

REVISÃO

Claudia de Lima Costa

Simone Pereira Schmidt